

**Alberto Libânio Rodrigues (\*)**

**Lafayette foi palco da  
Revolução Liberal  
de 1842 (\*\*)**

**(\*) Professor, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette.**

**(\*\*) Artigo publicado no Jornal Integração (Belo Horizonte, informativo cultural do IHGMG, nº 2, ano 1 - Fev./Mar. de 1992 p. 06).**

**ABSTRACT**

*The author describes the events of the Liberal Revolution of 1842 in the town named Conselheiro Lafayette (Queluz) that was the stage of bloody battles, with the victory of the rebels on July 26th. As a matter of curiosity he reminds us that the one hundred cruzeiros bills emitted in 1981 in honor of the Duke of Caxias, represent a warlike episode where the legalist troops were defeated.*

**RESUMO**

*O autor descreve os episódios da Revolução Liberal de 1842 na cidade de Conselheiro Lafayette (Queluz), que foi palco de sangrentas batalhas, com vitória dos rebeldes em 26 de julho. Como curiosidade, lembra que as notas de cem cruzeiros lançadas em 1981, em homenagem ao Duque de Caxias, reproduzem um episódio bélico onde as tropas legalistas foram derrotadas.*

1992 assinala o Sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842 que, deflagrada em Sorocaba-SP, ganhou corpo em Minas Gerais e teve a cidade de Conselheiro Lafayette, então Queluz, como palco de sangrentas batalhas. Numa delas, no largo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, as Forças Liberais (rebeldes) de Queluz derrotaram fragorosamente as tropas de Caxias, ali comandadas pelo Brig. Alves de Toledo Ribas.

Para nós, lafaietenses, a data magna das comemorações do Sesquicentenário da Revolução Liberal há que ser o dia 26 de julho, em que os bravos soldados queluzianos venceram as tropas legalistas, que fugiram em debandada, depois de rechaçadas no adro da Matriz.

O Cel. Souto, citado na obra do Cônego Marinho, numa parte de sua defesa, apresentada ao Conselho de Guerra do Império, assim se referiu à batalha:

"Os rebeldes, em número de hum mil e duzentos homens, não tendo mais de quatrocentos homens bem armados, aproximaram-se no dia 26 de julho, da Vila de Queluz, divididos em duas colunas com as quais foram guarnecendo todas as alturas aquém da Vila, tendo mandado, na véspera, de noite, uma força de duzentos homens, comandados por um homem muito prático do lugar, cortar as estradas do Ouro Branco e Congonhas, para impedir a retirada da força da legalidade, e logo que se aproximaram, romperam o fogo, que foi respondido por algumas linhas de atiradores da legalidade, entrincheirados e colocados a pequena distância em frente da Vila, sem ser pressentida e rompendo linhas quase dentro da Vila. Puseram em retirada as linhas de atiradores legalistas logo às primeiras descargas dos rebeldes, e foram concentrar-se no interior da povoação que fica dominada por todas as alturas que a cercam, retirando-se o Sr. General-Comandante para a Matriz, onde se conservou com a maior parte de sua força apinhada no adro da igreja, sofrendo quase à queima-roupa o fogo dos atiradores rebeldes, que, com a maior audácia haviam ocupado algumas casas ao lado da Matriz, e que a coberto, dirigiam mortífero fogo sobre os legalistas, que se achavam no adro da mesma igreja,

ao mesmo tempo que outros rebeldes, avançando sempre encobertos pelos diferentes muros dos quintais, casas e arvoredos apertaram, quando lhes foi possível, o cerco da Vila, chegando mesmo a cortar a água aos sitiados; neste estado se conservaram uns e outros, até que, de noite, se retirou em completa debandada o resto das forças legais, deixando entre os rebeldes cinqüenta homens mortos, duzentos prisioneiros, trezentas e cinqüenta armas, uma peça de calibre 3, e toda munição de guerra, que ali havia. E se os rebeldes os tivessem perseguido, quando se retiraram em perfeita debandada, maior teria sido a perda deste infausto dia, no qual o Sr. Brig. Manoel Alves de Toledo deu provas de não ter mais a pequena idéia da guerra porque viu que não podia sustentar dentro da povoação...

## **Erro Histórico**

O Banco Central e a Casa da Moeda reproduziram, nas velhas notas de cem cruzeiros, lançadas em 1981, trecho da estampa litográfica que ilustra o livro que narra a história daquela revolução, de autoria do Cônego Marinho, que dela participou. A segunda edição desta raríssima obra foi produzida pela Tipografia Almeida, em 1939, para lançamento em 1942. O então aprendiz de tipógrafo, Dimas Perrin (que teve seu nome recentemente aprovado para sócio do IHGMG) ajudou a compor e imprimir o livro à luz de velas...

Pois bem, no verso da nota aparecia a efígie do Duque de Caxias, o homenageado da Casa da Moeda e, no verso, o trecho da estampa relativa à batalha, em que as tropas do Patrono do Exército Brasileiro foram derrotadas. Desta forma, por engano ou desconhecimento histórico, a homenagem que se pretendeu prestar a Caxias saiu às avessas.

## **Como foi a Revolução**

Esta revolução começou apenas vinte anos depois de decretada a independência do Brasil, período em que a unidade política, partidos e opinião pública estavam indefinidos. A Constituição de 1824, por sua vez, era extremamente centralizadora, não dando autonomia às províncias, fato que gerou muito descontentamento. Por isto, em 1834, foi decretado o Ato Adicional que levou o número do ano em que foi editado, reformando a constituição e criando assembléias legislativas provinciais.

Foi uma vitória dos liberais, cujas posições haviam começado a se definir por volta de 1831, com a abdicação de D. Pedro I. Em

1849, os conservadores conseguem aprovar a chamada "Lei de Interpretação do Ato Adicional", que anula a descentralização política, reforma o código criminal, acabando com a inviolabilidade do domicílio e permitindo a prisão sem culpa formada. A reação foi imediata. Os liberais começam a se insurgir a partir de Sorocaba (SP) e logo a resistência chega a Minas, liderada por Teófilo Otoni. Seu quartel general em Santa Luzia era uma casa no largo da matriz, local em que ele foi preso.

No final da Revolução, os liberais (ou rebeldes) foram vencidos, mas os reflexos positivos desta resistência viriam pouco depois, com a instalação, pelo Imperador Pedro II, de regime de alternância, com ministérios de todas as correntes, conservadores e liberais, tendo como conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira.